

Nova Lusitânia: Fragmentos do Imaginário Pós-Colonial

A Estrutura do Discurso

O presente trabalho pretende realizar um aporte da análise de discurso de tradição francesa ao estudo de história regional.

A análise será realizada sobre a materialidade histórico-lingüística, constituída pela sociedade recifense do início do século XIX, figurada no periódico “O Carapuceiro”, do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852).

É necessário, inicialmente, observarmos que as transformações políticas, ocorridas durante o processo de desestruturação da “América Portuguesa”, a partir de meados do século XVIII, tiveram reflexos numa busca imaginária de identidade, individual e coletiva, em um mundo que parecia fragmentar-se.

A análise de discurso francesa permite-nos trabalhar no sentido de ultrapassarmos o efeito de evidência dos textos e buscarmos a instituição de uma nova forma de leitura, por meio da qual procuramos alcançar a materialidade da história no discurso (1).

A Análise de Discurso francesa: origens e pressupostos

O surgimento da AD, enquanto disciplina autônoma, remonta, conforme análise da historiadora D. Maldidier (2), aos quadros de intensificação das atividades ligadas à lingüística no curso da década de 60. E, diferentemente do processo de criação de outras disciplinas, cuja origem se perde na impossibilidade de se estabelecer um estatuto histórico, a AD “instala-se na França na primeira metade da década de 1970...” (3)

O percurso de fundação da AD é originário das trajetórias de dois autores, que, operando em campos convergentes, possibilitaram a emergência de um novo campo teórico: o lingüista Jean Dubois e o filósofo Michel Pêcheux. E essa dupla fundação resulta em dois projetos iniciais de disciplina, cujo ponto de divergência “é a maneira de teorizar a relação da lingüística com um exterior...” o que, “... para J. Dubois, significa relacionar dois modelos: o modelo lingüístico e um modelo outro, sociológico (ou histórico), psicológico (ou psicanalítico), e para M. Pêcheux ... o objetivo teórico articula a questão do discurso àquelas do Sujeito e da ideologia...” (4)

Processo fundacional que, visto retrospectivamente, mostra que “nos dois casos, o objeto discurso é pensado ao mesmo tempo que o dispositivo construído para análise” ... possibilitando que “... do lado de J. Dubois, as regras de constituição de corpus contrastivos acabam por levar a um dispositivo operacional concebido sobre um princípio estrutural: relacionar um modelo relevante da lingüística com um outro modelo, controlar variáveis e invariantes” ... ao passo que Pêcheux propõe uma “... ruptura tanto com as práticas de explicação de texto, quanto com os métodos estatísticos em vigor nas ciências humanas...” (5)

A inserção dos questionamentos, surgidos na AD, em dispositivos analíticos voltados aos estudos de aspectos da realidade brasileira, instaurou-se a partir dos estudos da lingüista Eni Puccinelli Orlandi (6), do Instituto de Estudos Lingüísticos da Unicamp, a qual filia-se à linha de questionamentos aberta por Michel Pêcheux(7).

O projeto de AD, proposto por Pêcheux, implica no reconhecimento de que “ o efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social ...” (8) e que essa revolução “ traduz o reconhecimento de um fato estrutural próprio à ordem humana: o da castração simbólica.” (9)

A metodologia proposta por Pêcheux sublinha “ o extremo interesse de uma aproximação, teórica e de procedimentos, entre as práticas de ‘ análise da linguagem ordinária’ (na perspectiva anti-positivista de Wittgenstein) e as práticas de ‘ leitura’ de arranjos discursivo-textuais (oriundos de abordagens estruturais) ...” numa aproximação que engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido ...” em um desenvolvimento que “... só pode tomar consistência se permanecer distanciado de qualquer ciência régia presente ou futura (quer se trate de positivismos ou de ontologias marxistas).” (10) (11)

O emprego dessa metodologia na construção do objeto de análise resulta num conjunto de procedimentos, os quais são estabelecidos a partir de pressupostos de três ordens:

1º) A exigência que “ consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas ...” em que “ ...essa descrição supõe ... o reconhecimento de um real sobre o qual ela se instala: o real da língua” ...”nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos lingüistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do símbolo, no sentido de Jakobson e de Lacan ...” o que “ ... obriga a pesquisa a se construir procedimentos (modos de interrogação de dados e formas de raciocínio) capazes de abordar explicitamente o fato lingüístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico...” (12);

2º) A exigência de que toda descrição está exposta ao equívoco da língua “... quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual, não muda nada a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que ‘não há metalinguagem’”... “ todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente...” (13)

No espaço próprio ao languageiro discursivo, manifesta-se, segundo Pêcheux, a alteridade constitutiva: “... é porque há o outro nas sociedades e na história ... que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar ...” (14)

3º) A exigência de que o mecanismo de assujeitamento languageiro não pode ser tomado no sentido de uma máquina discursiva, dotada de estrutura semiótica interna e voltada à antecipação de ocorrências discursivas, pois “... no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora...” visto que “... só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” ... “ na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais

ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço...” (15)

Logo ‘... o objeto da lingüística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações.’ (16)

Retalhos de realidade

Relacionamo-nos com os textos a partir do princípio que lhes dá unidade: a autoria. O autor, conhecido ou anônimo, responde pela unidade, não-contradição e progressividade do texto em sua relação com a realidade materialmente determinada.

Cabe, contudo, esclarecer a forma como a AD francesa reconhece a extensão do materialismo ao domínio da História, na forma como o expressou Pêcheux:

“A extensão do materialismo à história, o aparecimento de uma ciência da história que permite começar a ‘dominar a história’ baseia-se na mesma necessidade [o domínio progressivo sobre a realidade]: o objeto real (tanto no domínio das ciências da natureza como no da história) existe independentemente do fato de que ele seja conhecido ou não, isto é, independentemente da produção ou não-produção do objeto de conhecimento que lhe ‘corresponde’.

Podemos, então, enunciar as teses fundamentais do materialismo e comentá-las no domínio que nos interessa:

- a) o mundo ‘exterior’ material existe (objeto real, concreto-real);*
- b) o conhecimento objetivo desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (objeto de conhecimento, concreto de pensamento, conceito);*
- c) o conhecimento objetivo é independente do sujeito.” (17)*

A percepção que temos do Autor, enquanto unidade associada à unidade textual, não nos permite o entendimento do processo de constituição do Sujeito, através da interpelação ideológica e por meio dos mecanismos de esquecimento que permeiam o assujeitamento linguageiro.

O conjunto de princípios teóricos instituídos pela Análise de Discurso permitem-nos um movimento dialético do texto ao contexto e do contexto à discursividade.

Postulando a continuidade do discurso no tempo, numa relação de tensão entre a tradição e a inovação, entre o simbólico e o político, numa reiteração de significados em diálogo permanente com a ressignificação, a Análise de Discurso apresenta uma nova forma de apropriação do cotidiano: a análise da materialidade do discurso, por meio da qual podemos reconstituir a tensão que marca as relações de poder que dão origem aos sujeitos discursivos.

Essa análise, realizada a partir da organização de um dispositivo de interpretação, permite-nos um posicionamento além e aquém do discurso, em busca da sua relação com o

contexto (cotidiano) e a tradição (interdiscurso) e dos efeitos de sentido que esse discurso produz na cotidianidade.

A Análise de Discurso permite-nos a dialogicidade necessária à percepção da intransparência do discurso e da opacidade da linguagem marcados, ambos, pela historicidade dos sujeitos e dos sentidos que os instituem e os conformam.

Num percurso inverso ao da contextualização do discurso do Padre Carapuceiro, busquemos analisar a materialidade da sua produção simbólica, a partir dos conceitos da Análise de Discurso.

A Análise de Discurso permite-nos aproximar a discursividade contida em textos gerados em outros contextos, por meio de sua textualização, e obtermos novas perspectivas de aproximação ao cotidiano. Podemos obter novo enfoque da relação entre História e Poder acompanhando o processo de produção de efeito de sentido provocado pela criação permanente de formações ideológicas, mediando as relações sociais através da imersão dos sujeitos históricos na materialidade da língua. Por meio de sua utilização, podemos reconstruir de forma diferente o cotidiano em que estava inserido O Carapuceiro e captarmos a forma em que ele se insere no nosso próprio cotidiano.

I - O Leitor e o Texto

A análise de discurso propõe a intransparência do texto, mas não procura um sentido oculto no mesmo a ser exposto por meio de uma chave interpretativa. Busca distinguir a inteligibilidade (entendimento do que está escrito), a interpretação (captação do sentido contido no texto), e a compreensão. “Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no todo e permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem...” (18)

A perspectiva da análise de discursos permite compreender como o discurso do Carapuceiro fazia sentido para os leitores e que efeitos de sentido estão presentes nos trabalhos dos seus intérpretes. Na busca dos sentidos instituídos no discurso postula-se que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”...portanto, ”os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção.

Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.” (19)

Podemos acompanhar, no Carapuceiro, esse processo de investimento de sentido por meio da recontextualização do discurso. Encontramos o direcionamento a um público urbano: “É chegado o tempo dos banhos, dos passeios, dos passatempos e passafestas, e não há quem, podendo, deixe de ir para o campo, porque, em verdade, o Recife nestes meses é um forno. Em consequência da emigração, há um certo armistício entre os guerreiros periodistas, que também precisam espairecer. Os subscritores eclipsam-se todos os dias, e a política toma alguma folga, e cede o passo ao esfolador gagau, aos banhos, às comezainas, às indigestões, apoplexias e outros divertimentos, que são da safra dos médicos e boticários. Nós, periodiqueiros, enfim, ficamos em tempo de festa, como as meretrizes pela Quaresma. Dos nossos amantes, uns vão para o Poço da Panela, outros para o Monteiro, estes para Caldeireiro, aqueles para Beberibe, Caxangá, Benfica, Ponte de Uchoa e alguns para a Cidade de Olinda. E, adeus periódicos.” (20) É um texto em que a inteligibilidade dá conta dos espaços da cidade e da regularidade de sua ocupação, apresentando os ritmos da sociedade; um texto cuja interpretação o situa na crítica humorística aos costumes da burguesia pernambucana, durante a Regência; e é um texto cuja compreensão tem que situar sua produção nas condições de insalubridade e falta de perspectiva que significava manter-se na cidade em épocas de endemias e epidemias, constantes no período.

A análise de discurso busca estabelecer as condições de produção que compreendem os sujeitos, a situação e a memória. Num sentido estrito, as condições de produção formam-se pelo contexto; num sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Buscou-se no presente trabalho estabelecer as condições de produção do discurso contido no Carapuceiro.

“A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-constituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada...” (21) “Por isso, a Análise de Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicar a relação com esse ‘saber’ que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Isso porque, como vimos... só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras.” (22)

Encontramos essa situação discursiva do dito, não dito, dito de outro modo, no texto do Carapuceiro que se segue, no qual podemos encontrar uma forma de sensibilidade

historicamente constituída: “A comichão de escrever, de que tanta gente é acometida, é uma enfermidade incurável, que só termina com a vida”...” Juvenal lhe chama **cacoéthes**... é um mal quase tão universal como a peste das bexigas, porque muito poucos homens há que tarde ou cedo o não venham a sofrer ao menos uma vez na vida. Com esta diferença, porém, que as bexigas passam no fim de alguns dias, ou semanas, e não tornam mais, ao mesmo tempo que a comichão de escrever é quase incurável, uma vez que chegou a atacar a cabeça...” (23)

Trata-se de um discurso cujos efeitos de sentido fazem-se presentes até nossos dias, notadamente entre os que se dedicam ao trabalho intelectual ou que vivem em situações sociais em que os efeitos de doenças epidêmicas fazem-se sob o controle sanitário. Mas, é um discurso que poderia ser expresso de outra forma, mesmo quando foi escrito: “No dia 14 de janeiro de 1854, se deu no Engenho Cacimbas, no termo de Santo Antão, o primeiro caso de cholera-morbus n’esta comarca... A cidade da Vitória, diz-se geralmente, foi a localidade de Pernambuco onde a epidemia lavrou com mais intensidade. Os recursos da medicina eram baldados. Ninguém refletia; ninguém atinava com o que devia fazer. A morte ameaçando a todos, os cadáveres ficavam insepultos, a cidade entregue à desolação... as ruas constantemente desertas... alguns passavam chorando. Outros, acometidos do mal no caminho, eram logo conduzidos para o cemitério... via-se com uma mistura de dor e de indiferença morrer o amigo, o pai, o filho e o esposo, e a sensibilidade já amortecida não manifestava o pesar intenso que a todos devia dilacerar... Oh, fatalidade! Oh, tempo de angústia, de temor e de dor! Que funesta recordação deixaste gravada na memória daqueles que escaparam da tua fúria!” (24)

E, nas memórias de Félix Cavalcanti de Albuquerque, aristocrata em decadência, vivendo na periferia da Comarca do Recife, o espetáculo da peste, produzindo outra forma de sensibilidade àqueles que não privavam das condições de saúde favoráveis aos grupos urbanos que praticavam da sociabilidade burguesa, apresenta o não-dito e acena com a possibilidade do dito de outro modo.

II - O Autor e o Discurso

O discurso se constitui na relação entre a memória e o esquecimento. E este esquecimento manifesta-se sob duas formas, considerando-se a perspectiva da Análise de Discurso: “O esquecimento número dois que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásicas, que indicam que o dizer sempre podia ser outro... Isso significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este ‘esquecimento’ produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras... Ela estabelece uma relação ‘natural’ entre palavra e coisa... É o chamado esquecimento

enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos”.

O outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é a instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes ... embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam, e não pela nossa vontade.” (25)

A língua e a história se realizam em nós através da sua materialidade. “Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos”, ...”O esquecimento é estruturante”... “as ilusões não são ‘defeitos’, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos ‘esquecem’ o que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem sujeitos...” (26)

Na perspectiva da análise de discurso “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem, uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer... Esse jogo de paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.

O esquecimento número dois, ilusão referencial produzida pelo esquecimento enunciativo, encontra-se presente nas recordações do Autor sobre o tempo da sua meninice: “Nas plácidas margens do Capibaribe, ajuntavam-se as famílias e ali tinham suas ceias de camarões, de peixe frito com farofa. Ali se cantavam modinhas com que se derretiam os amantéticos do tempo do Rei Velho – e não imagine a rapaziada de hoje, que é mais gamenha que a daquelas eras. Nossos pais não foram pecos em galantear e requebrar as boas das nossas mães. Enfim, nesses tempos havia muito menos luxo, muito menos polidez em nossas maneiras, muito menos arremedo dos costumes estrangeiros; mas, troco de tudo isto, havia mais lanheza, havia mais agradável convivência, mais harmonia entre as famílias. Porque, então, não conhecíamos a política; então, não existiam chimangos nem regressistas, não pertenciam uns a este e outros àquele partido; cada qual cuidava de sua vida e tudo andava em sossego. Quando volverá a paz dessas eras afortunadas?...” (27)

Trata-se da descrição da sociabilidade aristocrática, comum ao Antigo Sistema Colonial, nos confins da América Portuguesa, em que o Autor apresenta as relações de convivência da elite colonial, que dividia entre seus representantes os espaços sociais e as funções de mando.

Representantes locais do poder Colonial-Metropolitano viviam no convívio o usufruto possibilitado na periferia do sistema. A identidade de interesses e a subordinação à Metrópole não permitiam a emergência de partidos antagônicos a disputar. Assim sendo, é possível uma outra descrição da ‘Paz Aristocrática’.

O esquecimento número um, ou ideológico, pode ser captado num texto em que o Autor, fazendo sua a enunciação de um discurso teológico católico, filia-se a uma formação discursiva, na qual ele retoma sentidos preexistentes: “...Depois dessa época fatal, qual foi o nosso jovem que, indo a Portugal, ainda que fosse só a seus requerimentos, ou que se fosse formar em Coimbra, **de lá não voltasse** tão motejador da religião como Voltaire, tão incrédulo como Diderot, ou tão materialista e ateu como o Barão d’Holbach? A crença importantíssima da alma e das penas e recompensas de uma vida eterna começou a ser ludibriada e tida na conta de grosseira superstição só própria dos tempos góticos e não conforme às claras noções do século das luzes”...”Em verdade, o que se pode esperar de um país onde a incredulidade, como uma lepra contagiosa, já lavra pelas ínfimas classes da sociedade? Eu concedo de barato que se possa encontrar um sábio ateu e , todavia , homem honesto , pacífico e honrado ; mas , um povo cujo maior número for irreligioso, um povo onde a maior parte da gente grada for incrédula ou indiferentista, necessariamente há de ser corrompido e imoral. O grande Cícero, ouvindo, nos teatros públicos, motejar de existência dos deuses e da imortalidade da alma, desde logo prognosticou a degradação e ruína de Roma, e não se enganou, porque esse povo, aliás tão brioso e heróico, chegou ao último ponto de baixa, de servidão e vilania. Ninguém obra senão pelo que crê, e, faltando a boa crença, como poderão haver boas ações?...” (28)

A ideologia está presente nos dois textos sob a forma de uma definição do lugar de enunciação (situação empírica) e na definição do sujeito no discurso (situação discursiva). A situação empírica apresenta um indivíduo com ascendência aristocrática articulando enunciados, cujos sentidos não se esgotam nas palavras utilizadas. A situação discursiva configura um sujeito historicamente determinado em seu modo de articulação a um discurso que o perpassa.

A ideologia manifesta-se no discurso sob a forma do efeito referencial que não corresponde a qualquer forma de falsa consciência ou de ocultação da realidade, mas a um processo de cristalização das significações que age por meio da saturação dos sentidos, e da des-historicização dos sujeitos históricos. Processo que age por meio dos esquecimentos presentes na linguagem e da autonomização da subjetividade.

Observa-se, em texto do Padre Lopes Gama, a forma como a subjetividade capta a tensão entre paráfrase e **polissemia, e, ainda, a** forma como a ilusão referencial ressignifica a relação entre sujeitos e sentidos na linguagem: “Alguns retóricos, aliás respeitáveis, disseram que os tropos não foram, a princípio, inventados senão por necessidade, por causa da falta e míngua de palavras próprias; mas que, ao depois, para a beleza e ornato do discurso”...”os homens não consultaram se tinham, ou não, termos próprios para exprimir essas idéias, nem se a expressão figurada seria mais agradável do que a expressão própria: eles seguiram o

movimento da sua imaginação e aquilo que lhes inspirava o desejo de fazer que os outros sentissem vivamente o que eles da mesma sorte sentiam...” (29)

Assim, ao sujeito, historicamente determinado, o processo social de produção de sentido na linguagem apresenta-se, por interferência da ideologia e da língua, como uma atividade individual, perdendo-se a dimensão das relações de poder e de sentido. Logo, o processo de assujeitamento é também um processo de reconhecimento de sentidos e sujeitos.

II – A Circulação dos Sentidos

Observe-se que “ da não coincidência fundamental entre as duas ordens heterogêneas que a nomeação sobrepõe – a que concerne ao geral, ao finito, ao discreto dos signos, ao contínuo das ‘coisas’ - , do que se chamou a falta de captação do objeto pela letra, surge, no próprio princípio da nomeação, a dimensão de uma perda, de uma ‘ falta de nomear’. E é dessa falha em nomear – que, para o sujeito **falante**, é particularmente falha *para se nomear*, falha para dizer a verdade que ‘ não se diz toda *porque as palavras faltam*’ (Lacan) – que estruturalmente se constitui o sujeito, em um irreduzível desvio [écart] de si mesmo, sujeito, pelo fato de que ele é falante e, por conseqüência de que ele é, falho.” (30)

Tenta-se escapar à insuficiência do dizer na busca de estabilização do dizer em uma unidade mítica numa língua adâmica ou na “ tentativa – tentação – de escapar à linguagem real e à perda que está nela ... encarnada de modo diverso na *não-fala*: ao que há, ao mesmo tempo inevitável e inaceitável, de não-dito em todo dizer, responder por um radical não-dizer; a esta parte de silêncio que atravessa, vazando-a, toda nomeação, opor o pleno (o vazio) da não-nomeação. É, **assim**, o apelo à música de Nietzsche, ‘Canta! Não fale mais!’, em uma renúncia a lutar com o ‘mal da linguagem’; é, aniquilamento e completude, o silêncio da experiência mística; é ainda, evocada por Borges, a ativa e vertiginosa figura de Funes, murada em sua exigência impossível de uma ‘língua’ infinita – uma não-língua portanto – a mesma coisa que dar a cada singularidade seu nome ‘próprio’... Pode-se dizer que “aquém da radicalidade destas ‘respostas’ à ferida da falta do dizer – o sonho do dizer sem falta, o silêncio do não-dizer, a escritura como adesão à ferida do dizer – abre-se o campo da *negociação* cotidiana dos enunciadorems em seu dizer – suas falas, seus escritos mais diversos – com esta falta que o afeta, campo em que se desdobra, através de múltiplas figuras, uma outra resposta que consiste em *acompanhar o dizer* pelo *dizer de sua falta*...”(31)

Encontramos no Carapuceiro, **a** partir de referências textuais, uma modalidade autoritária de um discurso vinculado a uma formação discursiva teológica e a uma formação literária européia, cujos modos de funcionamento promovem a subordinação da mulher nas esferas da sexualidade e da socialização familiar no mundo do patriarcado.

No encaminhamento que dá ao **discurso**, O Carapuceiro constrói a imagem da mulher cuja palavra traz a marca da sedução: “Quem ousará aproximar-se de uma dessas deusas, senão com o mais profundo respeito, como se se dirigisse à Divindade? Sim, a vida e a morte estão em seu poder; ela dispõe a seu talento das alegrias do céu e dos tormentos do inferno. O paraíso está em suas mãos, e cada momento que com elas passa vale uma eternidade de venturas. Os arroubo, os transportes, os êxtases são favores que ela distribui; suspiros e lágrimas, súplicas e corações inflamados são vítimas que se lhe oferecem. Um só sorriso seu é capaz de tornar felizes os

homens e a sua frieza lança-os na desesperação...” (32) Contra essas vozes de sedução, o Autor apresentara defesa: “... É como se pode dizer com razão que a mulher é corda de Satanás? Onde já se viu mulher arrastando por força ao homem? Se ela seduz pelos seus atrativos, o homem, sendo mais forte, deve resistir-lhe, deve fazer cruces e fugir-lhe...” (33)

No outro **extremo**, apresentava-se o perigo a que se podia expor uma moça, ao se envolver no mundo: “Não quero proscrever as valsas; **dancem** um menino com uma menina, um marido com sua senhora, mas um marmanjo a tatear a rapariga, a cozer-se com ela, a dar coices e trocar pernas por uma sala? Não com pessoa que me pertença; que não entendo dessas filosofias”...”Que abusos se não fizeram nas tais valsas?”...”Que apalpadelas?”...”Que desaforos?”...”Ora em verdade o que está dizendo um desses malandros ao ouvido de uma menina? Estar-lhe-á dando conselhos e santas máximas de moral? Não certamente, como raposo faminto e matreiro o que ele está é armando laços à inexperta franguinha. Quatro expressões amantéticas, e de lugares comuns, repetidos gabos de formosura, e a fatal promessa – eu caso com você – bastam para desorientar a pobrezinha, que já não cabe em si de contente e esperançosa; e dali aferra-se num namoro, que raras vezes deixa de ter **conseqüências** tristes...” (34)

Chamando à responsabilidade os pais e os maridos, O Carapuceiro propõe a separação de corpos; a leitura dos clássicos da língua portuguesa se apresenta como alternativa ao ensino de língua estrangeira que possa colocar a mulher em contato com homens de fora: “...Em verdade o que quer dizer uma senhora rodeada de homens estranhos, dando palestras a todos, metendo-se em todas as matérias, e como que pretendendo fazer papel de Doutora?”...”Hão de dar licença os Srs. Fashionables de Paris para desconfiar dessas **franquezas** entre pessoas no viço da idade, e de diferentes sexos, enquanto me recordar de certos provérbios de nossos maiores, como sejam: a ocasião é que faz o ladrão; o homem é **fogo**, a mulher é pólvora, vem o diabo e sopra”...”Quantas e quantas famílias **têm** ido a pique, quantas se **têm** precipitado na prostituição e na miséria só por causa da condescendência dos maridos...” (35)

No contexto da filiação ao discurso **teológico**, havia que solucionar a contradição entre as imagens-símbolo: Eva – sedutora e Maria- Casta. E O Carapuceiro o faz a partir da exortação à mulher para que se submeta ao domínio do Senhor: “Foi sem dúvida o Cristianismo que emancipou o belo sexo. Logo que o Divino Verbo dignou-se de se fazer homem encarnando no seio duma virgem, a mulher recobrou os perdidos foros e a dignidade”...”a boa fama é o mais precioso dote de uma mulher...” (36) Afastar-se disso é enveredar no caminho da cobiça e do pecado.

Mas, é no já-dito da imagem associada à castidade que vamos surpreender o processo de emergência do sentido **a** partir **do** não-sentido e **da** tensão entre o político e o simbólico. Identificamos na reflexão desenvolvida sobre a emergência do sentido, “no movimento da construção do significar: a.seu apagamento por uma memória já estabelecida dos sentidos (o já-dito), b. a resistência ao apagamento e a conseqüente produção de outros sentidos; e c. o retorno do ‘recalque’ (ou seja, do que foi excluído pelo apagamento) sobre o mesmo deslocando-o ...” (37)

Tome-se a tensão da emergência do tema medieval da sexualidade associada à concepção de Cristo, que se fez presente ao longo dos séculos XII a XV, quando o Concílio de Trento o proscreeu com a retratação de temas relacionados(38), mas que está latente na forma retratada por Piero Della Francesca na sua Madona do Parto.

A representação reprimida sob a forma da gestação sofreu uma interpretação em que se elide a imagem indesejada e se a faz duplicada por meio de uma associação entre duas imagens outras, ligadas por uma expressão verbal que as consolida num efeito de evidência. Deveu-se a Fra Angélico, no contexto político que sucedeu Crise do Papado de Avignon, a

constituição do discurso fundador da sexualidade omitida: sua Anunciação recupera, num momento anterior ao retratado por Della Francesca, a Virgem em sua trajetória (Esponsais, Visitação, Adoração dos Magos, Apresentação no Templo e Morte), conforme retratado na Igreja de São Domingos, em Fiesole (c. 1430/32).

E é, ainda, Fra Angélico quem construirá a ligação entre as memórias do nascimento de Cristo, consolidadas na sua narrativa, pintada no Convento de São Marcos, de onde era Prior, ao apor ao Episódio da Adoração dos Magos o dístico: “ ECCE CONCIPIES INVTERO”. Punha-se fim a questões “ ... num contexto em que o que não era invisível era mortal. Era então preciso dar nomes, tornar visível, esclarecer (clarear) e domesticar o acontecimento que era esse encontro com o desconhecido...” (39) Tem-se, portanto, “ uma ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância.” (40)

Assim a retomada da imagem de castidade, enquanto memória condensada, na sociedade pós-colonial por intermédio dos escritos do Padre Carapuceiro é a reiteração de um sentido já dado. **Mas**, é também a atualização de um discurso na constituição de novos sujeitos. Há nessa enunciação um processo de silenciamento constitutivo: “ a linguagem supõe pois a transformação da matéria significativa por excelência (silêncio) em significados apreensíveis, verbalizáveis. Matéria e formas. A significação é um movimento. Errância do sujeito, errância dos sentidos.” (41)

Observemos, contudo, um aspecto fundamental em relação à significação “ se um sentido é necessário, ele é possível; se impossível, é porque não é necessário historicamente ... à errância do sentido, à sua capacidade de migração, se junta o fato de que também o sujeito é errático, ele se desloca em suas posições, ele ‘falha’ ...” (42)

E, como uma memória inesperadamente recuperada, irrompe, no imaginário pós-colonial, o tema reprimido da sexualidade cristã, na representação iconográfica da nave da Igreja da Conceição dos Militares:

a) Uma anunciação que se faz por meio de uma mensagem que, ao contrário daquela cristalizada por Fra Angélico, não se dá de forma pública. O anjo anunciador invade a intimidade da Virgem, que, no espaço privado do seu dormitório, recebe-o envolto em nuvens. Não se trata, também, de assunto de público: o anjo retratado encontra-se voltado para aquela a quem se destina a mensagem, e não se lhe pode vislumbrar os lábios;

b) Aquela que porta o Anunciado é apresentada numa composição que recupera a gestação numa forma vedada. Vê-se, num corte **transversal**, a criança que nascerá de forma não natural. **Pois** que se encontra já totalmente constituída e, num gesto de **benedição**, prenuncia o próprio destino.



Anunciação – Fra Angélico (43)

Madona do Parto – Piero Della
Francesca (44)

Notas

(1) Religioso beneditino, secularizado durante a regência, o Padre Lopes Gama (alcançado O Carapuceiro), destacou-se, na primeira metade do século XIX, como intelectual, jornalista, professor e político, tendo exercido oito mandatos legislativos. Atuou, sobretudo, como bem-humorado crítico da sociedade **que** mudava à força de influências européias, cristalizando-a nos perfis iconológicos de figuras risíveis: o gamenho, o **manembro**, o aristocrata, o curandeiro, a **coquete**, a vadia, a senhora honrada, as velhas namoradeiras. São personagens que configuram um imaginário de transição e estão materialmente ligados por meio do periódico ‘O Carapuceiro (1832-1842).

(2) Cf Malidier, Denize. ‘Elementos para uma História da análise de discurso na França’ in Orlandi, Eni Puccinelli (Org) Gestos de Leitura: Da História no Discurso. Campinas, Unicamp, 2ª edição, 1997.

(3) idem, pág 15

(4) idem, pág 19

(5) idem, pág 18

(6) Cf Orlandi, Eni Puccinelli. Terra à **Vista**. São Paulo, Cortez, 1990.

_____. As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. 5ª edição, Campinas, Unicamp, 2002.

_____. A Interpretação. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, Pontes, 1999.

(7) Pêcheux, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do **óbvio**. Campinas, Unicamp, 1992.

(8) Pêcheux, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 2ª edição, 1997. pág 46

(9) idem, ibidem.

(10) idem, pág 49

(11) O Autor questiona “... o projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita das coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea; a idéia de uma possível ciência da estrutura desse real, capaz de explicitá-lo fora de toda falsa-aparência e de lhe assegurar o controle sem risco de interpretação (logo uma **autoleitura** científica, sem falha, do real)”... o qual “... responde “... a uma urgência tão viva, tão universalmente ‘humana’...” que “... não podia deixar de se materializar por todos o meios”, e identifica as sucessivas manifestações desse projeto em três momentos: a) a escolástica aristotélica; b) o rigor positivo, que procura ”homogeneizar o real, desde a lógica matemática até os espaços administrativos e sociais, através do método hipotético-dedutivo experimental, e as técnicas de ‘administração de prova’; e, por fim, c) a ontologia marxista, “ que pretende de seu lado produzir as ‘leis dialéticas da história e da matéria...” pág 35-36

(12) idem, pág 50-51

(13) idem, pág 53

(14) idem, pág 54

(15) idem, pág 56-57

(16) idem, pág 51

- (17) Pêcheux, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Unicamp, 1997. pág 74
- (18) Orlandi, Eni P. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. Campinas, Pontes, 1999. Pág. 26
- (19) Idem, pág. 30
- (20) O Carapuceiro, nº 32 (24/11/1832) in Mello, Evaldo Cabral de. (org.) O Carapuceiro: Crônica de Costumes / Lopes Gama. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. pág. 99-100
- (21) Orlandi, Eni P. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. Cit., pág. 31.
- (22) Idem, pág. 34.
- (23) O Carapuceiro, nº 11 (24/5/1837) in Mello, Evaldo Cabral de. (org.) O Carapuceiro: Crônica de Costumes / Lopes Gama. pág. 164-165 (25) idem, pág. 36.
- (24) Freyre, Gilberto. O velho Félix e suas Memórias de um Cavalcanti. Recife, Fundaj – Editora Massangana, 1989, **edição fac-similar** a de 1959.
- (25) Orlandi, Eni P. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. Cit., pág. 35.
- (26) O Carapuceiro, n.º 1, de 17 de janeiro de 1838 in Delgado, Luis. Lopes Gama: Trechos Escolhidos. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1958. Pág. 41-42
- (27) O Carapuceiro, n.º 67, de 19 de novembro de 1842 in Delgado, Luis. Cit., Pág. 68-69
- (28) Gama, Lopes. Lições de Eloquência Nacional. Vol I, in Delgado, Luis. Cit., pág. 90-91
- (29) Gama, Lopes. Lições de Eloquência Nacional. Vol I, in Delgado, Luis. Lopes Gama: Trechos Escolhidos. Cit., pág. 90-91
- (30) Authier-Revuz, J. ‘ Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio’ in Orlandi, Eni Puccinelli (Org). Gestos de Leitura: Da História no Discurso. Cit, pág 257
- (31) idem, pág 258
- (32) O Carapuceiro, n.º 54, de 5 de outubro de 1842
- (33) O Carapuceiro, n.º 11, de 21 de fevereiro de 1838
- (34) O Carapuceiro, n.º 12, de 14 de julho de 1832
- (35) O Carapuceiro, n.º 23, de 18 de junho de 1842
- (36) O Carapuceiro, n.º 60, de 26 de outubro de 1842
- (37) Orlandi, Eni Puccinelli. (Org.). Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, Pontes, 2ª edição, 2001. Pág 11
- (38) Cf Menezes, José Luiz Mota. Dois Monumentos do Recife: São Pedro dos Clérigos e Nossa Senhora da Conceição dos Militares. Recife, FCCR, 1984. Encontramos na obra desse pesquisador da Arquitetura Colonial uma discussão sobre a iconografia medieval da mariologia. Ainda que não se associe diretamente o tema com as questões da sexualidade colonial ou medieval.
- (39) Orlandi, Eni Puccinelli. (Org.). Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional. Cit. Pág 15
- (40) idem, pág 23-24
- (41) Orlandi, Eni Puccinelli. As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. 5ª edição, Campinas, Unicamp, 2002. pág 35
- (42) idem, 160-161
- (43) Mestres da Pintura: Fra Angélico. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- (44) Mestres da Pintura: Piero Della Francesca. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

